

# A expansão do islamismo no mundo

Pedro Luís de Araújo Braga\*

## REFLEXÕES INICIAIS

**E**m 23 de fevereiro de 1998, um jornal em língua árabe publicado em Londres estampou, na íntegra, uma “Declaração da Frente Islâmica Mundial para a Jihad contra os judeus e os cruzados”. Tal texto, informou o periódico, fora-lhe enviado com a assinatura de Osama bin Laden, um abastado saudita acusado pelos EUA de ser o mandante do lançamento de bombas sobre sedes de suas representações diplomáticas em países do leste africano, e então líder da organização islâmica al-Qaeda. Referendavam também o aludido manifesto líderes de grupos muçulmanos no Egito, no Paquistão e em Bangladesh.

A aludida Declaração encarecia a necessidade de conhecer o status reinante no que respeita à perseguição movida contra os muçulmanos, consequentemente, uma chamada à ação para acabar com ela. Do texto constavam vá-

rias citações do Alcorão e palavras do profeta Maomé, incitando à luta. Depois de acusar os EUA pela ocupação das regiões mais sagradas para o Islã, de se apropriarem de suas riquezas, humilharem o povo árabe e promoverem imensa destruição, tudo em conluio com os judeus, terminava concluindo que, nas atuais circunstâncias, a Jihad passa a ser uma obrigação individual de todo verdadeiro muçulmano, uma vez que a potência hegemônica declarara abertamente uma guerra contra Alá, seu profeta, e o Islã.

Na verdade, quem estava declarando guerra era a organização que lançara o documento em tela. Mas, como o mundo já entendeu, uma guerra diferente, um Conflito Assimétrico, praticado por entidade não-estatal, de caráter global, travada por meio de atos terroristas imprevisíveis, difíceis de serem previstos, identificados e localizados. E ao arripio das leis internacionais sobre a guerra, eis que a elas não se subordinam.

---

\* General-de-Exército, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Mas o que é o Islã? Mais que uma religião, é uma completa doutrina ideológica, com regras para a conquista e subjugação dos infiéis e para implantação da Sharia, que é a lei islâmica, a base religiosa, política e cultural de todos os que seguem tal doutrina. Os fundamentos da Sharia são encontrados em três obras: o Alcorão, as Hadiths (tradições de Maomé) e a Sira (biografia de Maomé). Hadith e Sira, juntas, constituem a Suna.

A Jihad é o instrumento para consecução da Sharia e considerada, pelos muçulmanos, uma guerra “Santa” travada contra os kafirs, palavra preconceituosa, abusiva e odiosa para se referir aos que não seguem o Islã. A trilogia acima identificada, em seu conjunto, dedica 60% do seu conteúdo aos kafirs.

Constata-se que a Sharia está em curso, viva, levada a efeito por grupos cada vez mais violentos, não só no Oriente Médio e na África, mas também na Europa e nos EUA. Portanto, para nós, cristãos, que temos outros valores, que vivemos outros princípios, que amamos a liberdade, é importante conhecer os efeitos dessa Sharia, uma vez que, onde implantada:

- desaparece a livre manifestação do pensamento, a liberdade de culto, de imprensa, de expressão artística;
- deixa de existir a igualdade entre as pessoas: um kafir nunca é igual a um muçulmano, porque é um ci-

dadão de terceira classe (dhimi); uma mulher é sempre inferior a um homem, e pode sofrer castigos físicos. Em síntese, não há direitos humanos;

- a justiça tem duas leis: uma para os homens muçulmanos, e outra para as mulheres e os kafirs; tal legislação não é suscetível de interpretação e nem pode ser alterada. A ela devem subordinar-se todos os governos e outras leis que forem promulgadas.

Parodiando o que consta da declaração acima mencionada, nós, cristãos ocidentais, que somos alvo dessa avassaladora e estupefaciente ação da Jihad, precisamos conhecer seus reais objetivos, táticas, formas de ação, como obtém recursos e apoio, com o propósito defensivo, visando preservar os valores democráticos de nossa sociedade. “O preço da liberdade é a eterna vigilância”, pensamento este atribuído originariamente a Thomas Jefferson, 3º Presidente dos EUA (séculos XVIII e XIX).

## **UMA PERFUNCTÓRIA E BREVE VOLTA AO PASSADO, PARA COMPREENDER O PROBLEMA**

Maomé, o criador dessa religião monoteísta chamada Islã, ou Islamismo, ou maometismo (que significa “submis-



são à vontade a Alá, aquele que criou todas as coisas”) nasceu em Meca, atual Arábia Saudita, no ano de 570 de nossa era. De família humilde da tribo dos coraixitas – que seria, tal como os da tribo judaica de Levi, encarregados do serviço no templo, mas também ativa no comércio e controle de caravanas que por lá passavam – ficou órfão de pai antes de seu nascimento e sua mãe veio a falecer também quando ele estava apenas com seis anos de idade.

Pouco se conhece, digno de credibilidade, sobre a trajetória desse singular e carismático líder. Há muita lenda a respeito dele. Mas Meca, por ser exatamente o local de seu nascimento, é hoje a principal cidade do Islã e alvo de peregrinação.

Consta que, órfão de pai e mãe, Maomé foi acolhido por uma família de beduínos enquanto criança e que, mais tarde, foi entregue aos cuidados de seu avô paterno, que veio a falecer dois anos depois. Daí resultou que Maomé ficou sob a tutela de um tio materno de nome Talib, e com o filho deste, Ali, desenvolveu uma grande amizade.

Segundo a tradição, foi durante uma viagem que fizera com esse tio à Síria que um monge cristão chamado Bahira “reconhecera” Maomé como um líder religioso e profeta. Talvez o primeiro e encorajador vaticínio.

Quando Maomé tinha 25 anos de idade conheceu uma rica, agradável e bem sucedida comerciante, viúva, de nome Cadija, então com cerca de 40 anos, com a qual começou a trabalhar e, mais tarde, contraiu matrimônio. Viu assim resolvidos todos os seus problemas financeiros e passou a desfrutar da oportunidade de se voltar para a atividade religiosa que então começava.

O casal teve uma única filha, a qual foi dado o nome de Fátima. Outras versões, entretanto, questionáveis devido à idade de Cadija, registram que o casal teria tido seis herdeiros, dos quais apenas dois homens, que logo faleceram, e quatro mulheres, Fátima e mais três, cujos nomes não são revelados.

Essa independência financeira de que Maomé passou a gozar permitiu-lhe vagar pelos montes e lugares ermos, sozinho, onde ia buscar iluminação e uma experiência mística mais profunda. Impressionava-o acentuadamente o fato de que os judeus e os cristãos tinham os seus próprios livros sagrados, eram prósperos, cultos e com avançada economia, ao passo que seu povo era pobre e atrasado.

Os primeiros a abraçar suas ideias, um tanto revolucionárias, foram sua mulher Cadija, seu primo Ali – com quem Fátima veio a casar-se – e um filho adotivo deste, Zaide. Aceitaram a

autoridade de Maomé e suas revelações como tendo origem divina. Reuniam-se para o culto a Alá na própria residência dele. Porém, passados três anos, malgrado a incontestável persistência de Maomé, o número de seus seguidores não passava de vinte. E, depois de treze anos, o total deles não era superior a cento e cinquenta.

Justo é lembrar que uma característica importante da crença de Maomé era o combate ao politeísmo, às 360 imagens que eram reverenciadas pelo seu povo. Ele julgava tal prática abominável, uma vez que se mesclava com idolatria. Pregava a adoração apenas a Alá, único deus – que requer a submissão dos homens se quiserem ser salvos.

Tornou-se, assim, o Profeta de Alá – o último, segundo afirmava – embora reconhecesse que fora precedido por outros, como Adão, Abraão, Moisés e Jesus.

A primeira experiência mística de Maomé, segundo ele próprio relata, aconteceu em torno do ano 610, mês do Ramadã, quando fazia um de seus passeios matinais, fora de Meca: em uma caverna existente no monte Hira, uma voz que lhe mandava ler, em nome do Deus Criador. Surpreso e perplexo, não entendeu o que lhe era mandado fazer, repetidas vezes, pois era analfabeto. Mas a voz dizia que o Senhor é riquíssimo e ensina ao homem aquilo que ele não

sabe. Tal voz reverberava em sua mente como um sino tocando e foi identificada como sendo do arcanjo Gabriel. Maomé tinha então 40 anos e a partir daí, durante vinte e três anos, continuou a receber mensagens que, colocadas sob a forma escrita, conformaram o Alcorão, já mencionado como um dos três livros sagrados do Islã.

Depois que Cadija faleceu, Maomé passou a praticar a poligamia, tão comum, à época, na região onde vivia e chegou a ter nada menos que doze mulheres, com as quais teve filhos e filhas, mas todos os descendentes do sexo masculino morreram cedo, antes que ele próprio. A Sharia, não obstante, como já assinalado, considere as mulheres inferiores aos homens em inteligência e religião, protege e garante seus direitos. Outrossim, permite que o homem livre se case com até quatro mulheres simultaneamente. Em muitos casos, elas vivem compartilhando a mesma habitação com o único marido, sem cenas de ciúme.

Em seus esforços incontidos de proclamar sua mensagem, Maomé sofreu perseguições, foi difamado, boicotado e apresentado ao povo como pessoa que devia ser evitada. Mas ele era um pregador eloquente, incansável e persuasivo. Ameaçado de morte em Meca, decidiu então mudar-se para Yatribé, a atual cidade de Medina, onde foi muito bem recebido e sua mensagem aceita, exceto



pelos judeus que lá viviam. Por esta razão, Medina é chamada de “Cidade do Profeta”, pois foi o foco da irradiação do islamismo para todo o mundo.

Talvez por isso haja hoje duas versões diferentes do Alcorão, uma de Meca e outra de Medina. Mas os árabes dizem que o seu “livro sagrado” não pode ser traduzido.

Se em Meca a pregação de Maomé não frutificara, em Medina, como guerreiro e político também, conseguiu converter às suas ideias cerca de dez mil pessoas por ano. Mas a ação política e a Jihad foram mais bem sucedidas que a mera pregação. Nos dez anos seguintes, Maomé enviou expedições missionárias às Arábias, à Pérsia, Índia, Egito, Abissínia, aos domínios bizantinos e até à Terra Santa.

Aos 52 anos de idade, Maomé já era conhecido como chefe poderoso e respeitado. Tinha muitos amigos, mas inimigos também. Meca e Medina, separadas por apenas 350 km, chegaram a entrar em guerra, com a vitória final das tropas de Medina. Corria o ano de 631 quando Maomé retornou a Meca, agora pacificada. Lá ele visitou o templo em Caaba, ordenando a destruição dos ídolos pagãos existentes e a reforma do imóvel, pois ele fora erguido há séculos pelos discípulos de Abraão. Assim, restituiu Caaba como lugar de culto a Alá e como o povo de Meca converteu-se

ao Islamismo, adotando-o como religião oficial, Maomé instituiu a peregrinação à cidade como obrigação de todo muçulmano, já que ela ficava mais perto do mundo árabe do que Jerusalém, amplamente defendida por judeus e cristãos.

Mas a propagação do islamismo foi, desde o início, manchada de sangue. Conta-se que Maomé, em Medina, sentado ao lado de uma de suas esposas com apenas doze anos de idade, assistiu à cena de decapitação de oitocentos judeus. E ele esteve envolvido em um evento de violência, em média, a cada seis semanas de seus últimos nove anos de vida. Ao falecer, em 8 de junho de 632, com 62 anos, já não tinha um único inimigo vivo restante.

Mas Maomé não deixou herdeiros homens, tanto para seu patrimônio quanto para o seu legado e missão de continuar com a pregação do islamismo.

## **A DIVISÃO DO ISLAMISMO: CORRENTES E GRUPOS**

A morte do Profeta, ocorrida na residência de sua esposa favorita Aísha – que foi, mais tarde, anexada a uma mesquita e tornou-se local de peregrinação em Meca – desencadeou um processo para sua substituição, uma vez que, como já assinalado, Maomé não deixara filho varão.

Surgiram então os seus “herdeiros”, cada um deles passando a denominar-se califa (que significa sucessor) e o interesse pela função devia-se ao fato de que ela representava não só autoridade religiosa, mas também poder político. Desde então, o islamismo vem sendo marcado pelo surgimento de correntes, grupos, facções, movimentos, com maior ou menos envolvimento político.

Sintetizado esse tumultuado e incessante processo, podemos dizer que, desde cedo, surgiram quatro correntes:

- os sunitas, em maior número, que contam com 84% dos muçulmanos, seguidores da Suna (que reúne, como explicado, duas das três obras básicas do Islã, e daí o seu nome), corrente esta iniciada por Abu-Becre, dileto amigo do profeta e seu braço-direito, e que uns dizem ter sido seu sogro, eis que pai de Aisha, uma das doze mulheres e a preferida, depois de Cadija, do fundador do Islã. Conseguiu expandir a religião para o norte das Arábias, para a Síria e a Pérsia, reunindo e convertendo árabes que lá viviam. Tendo falecido pouco depois, foi sucedido por Omar, que seria outro genro ou sogro de Maomé, um califa inspirado e influente, sob cujo governo a expansão realmente aconteceu e de forma visível: além de

conquistar fiéis, conquistou territórios, subjugou inimigos e organizou a administração do seu califado. Investiu contra a Palestina, Síria, Iraque e Egito.

- os xiitas, corrente esta chefiada por Ali, primo, amigo e depois genro de Maomé (casado com Fátima), e que, por sua proximidade familiar com o profeta, dizia ter a chave para interpretar os ensinamentos do Islã. Seu curto governo de cinco anos foi assaz tumultuado. Assassinado, substituiu-o seu filho Husslin, neto de Maomé, que foi também morto em uma emboscada.

Estas duas primeiras e mais numerosas correntes vivem digladiando-se desde então. O ódio secular entre sunitas e xiitas prossegue até hoje e o derramamento de sangue só tem aumentado.

Mas há duas outras correntes, menos importantes:

- os sufitas, que surgiram da corrente xiita, ainda estão esperando pelo futuro grande líder, o Imã final, que aparecerá na terra como representante de Alá, a fim de conduzir as hostes islâmicas à vitória final. Dão ênfase à relação pessoal com Alá e praticam rituais como danças e exercícios de respiração para atingirem um es-



tado místico. Enquadram-se nesta corrente, minoritária sem dúvida, os faquires da Índia (monges muçulmanos que vivem sob rigoroso ascetismo) e os dervixes da Turquia (muçulmanos que fizeram voto de pobreza). Tal corrente, todavia, já apresenta uma dissidência mais radical, que é perseguida pelos demais.

- os caridjitas, que surgiram em torno de 657 durante o cisma ocorrido na corrente xiíta sobre quem seria o sucessor de Alá, por não concordarem com as pretensões dos candidatos que se apresentaram. Mas em breve se subdividiram também, restando disso apenas o grupo dos ibaditas, que sobrevive em maioria no Omã e com pequenas frações na Argélia, na Ilha de Djerba (Tunísia) e em Zanzibar. Pelo fato de considerarem que qualquer homem, até mesmo um escravo, poderia ser eleito califa, desde que tivesse elevado caráter moral e religioso, e que era legítimo contestar um poder considerado injusto, tais razões tornaram-se apelativas para as tribos de beduínos e para os mawali, os convertidos ao Islã de outras etnias e que, por não serem árabes, sofriam discriminação, estes últimos, inclusive, obrigados a

pagar impostos. Todavia, não têm expressão.

É sabido que o Império Otomano, que dominou grande parte da Europa, do norte da África e do Oriente Médio por mais de quatrocentos anos, era constituído, em termos de religião, majoritariamente por muçulmanos. Todavia, já no final do Século XVIII, começou a perder substância, atingindo o clímax desse declínio quando da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), pois decidiu aliar-se à Alemanha. E perdeu.

Sábios muçulmanos foram reunidos para estudar tal derrocada e, depois de longo tempo de análise, chegaram à conclusão de que o mundo muçulmano havia, na realidade, voltado à situação pré-existente ao aparecimento de Maomé, quando havia muita pobreza e ignorância, já assinalado antes. E que tal estado era causado, ou estava intimamente ligado, à existência de maus muçulmanos em seu meio e à aproximação com cristãos e judeus.

A partir de então, começaram a aparecer diversos grupos, com atuação mais limitada ou mais ampla, na tentativa de colocar a vida dentro da concepção do Islã. Alguns deles usam a religião como pretexto, quando seus propósitos são claramente políticos. Os objetivos prioritários são eliminar maus muçulmanos, cristãos e judeus, e, a partir de 1948,

não escondem seu propósito: “varrer Israel do mapa”. Há muitos anos, na década de 1960, quando a serviço da ONU na Faixa de Gaza, vi, em muitas escolas, logo à entrada, pintado na parede, um mapa do Oriente Médio com Israel na cor preta, significando que era um intruso naquela área.

Vamos mencionar, a seguir, os diversos grupos que se foram formando ao longo do tempo e cujas ações ocuparam noticiários na mídia ocidental.

1) Irmandade Muçulmana – Foi fundada em 1928 no Egito, é considerada a precursora do fundamentalismo islâmico contemporâneo. Seu idealizador e primeiro líder foi Hassan al-Banna, um professor egípcio então com 22 anos, auxiliado por outros cinco jovens, todos na mesma faixa etária. Seu objetivo inicial era “libertar a pátria islâmica do controle dos estrangeiros e infieis (kafirs) e estabelecer um estado islâmico unificado”.

Da corrente sunita, tornou-se uma organização islâmica radical que atua em cerca de setenta países. Pretende retomar os ensinamentos do Alcorão, rejeitando qualquer tipo de influência ocidental. Visa, como mencionado, unificar os países de população muçulmana, opondo-se a tendências seculares de algumas nações islâmicas, como Turquia, Líbano, Egito e Marrocos, e rejeitando o chamado “islamismo moderado”. O lema desta organização é “Alá é o nosso

objetivo, Maomé é o nosso líder, a Jihad é o nosso caminho. Morrer no caminho de Alá é a nossa maior esperança”. Seu símbolo heráldico são duas espadas curvas de ouro, cruzadas sob o Alcorão, tendo abaixo, entre os punhos, a inscrição “Prepare-se”.

Neste limitado espaço, salientamos apenas que a Irmandade, como é conhecida popularmente, esteve envolvida em eventos marcantes no Egito, onde chegou a ser considerada ilegal, teve diversos de seus líderes presos, mas, afinal, fundou o Partido Liberdade e Justiça em 2011, que foi liderado inicialmente por Mohamed Morsi, o qual no ano seguinte, venceu as eleições presidenciais.

Durante o governo Nasser, em 1954, quando a Irmandade foi considerada ilegal, muitos de seus integrantes fugiram para outros países árabes, como Síria, Arábia Saudita, Jordânia e Líbano, o que ajudou a internacionalizar o movimento.

Seu nome voltou a aparecer em órgãos da imprensa por conta de acontecimentos como a Primavera Árabe e a Guerra Civil na Síria. Tal organização, que já chegou a contar com mais de 500.000 militantes, tem como características fundamentais a defesa da Sharia e a interpretação extremista da Jihad.

2) Al-Fatah – Um movimento pela libertação da Palestina, sob a liderança de Yasser Arafat, já falecido, seu





fundador em 1967, tornou-se a mais forte e organizada facção islâmica, que luta pela criação de um Estado Palestino. Considerava, malgrado alguns momentos de diálogo, Israel um intruso na área. Uma ala desta organização, a “Brigada de Mártires de Al-Aqsa”, é formada por membros mais radicais e é responsável por diversos atentados contra Israel (só em 2006, por 70% do total), praticados, muitos deles, por menores, treinados pela facção. Chegou a ser o grupo majoritário, mas foi expulso do Líbano pelas forças israelenses em 1982. Dela surgiu a OLP – Organização para Libertação da Palestina, bastante conhecida. Todavia, depois dos Acordos de Oslo, em 1993, entrou em decadência.

3) Hamas – É um grupo fundamentalista palestino, que possui um braço político e outro militar. Seu nome significa “Movimento de Resistência Islâmica”, mas também quer dizer “Devoção”. Nasceu junto com a Intifada, que foi um levante ocorrido em território palestino contra a política de ocupação israelense, tanto na Cisjordânia como na Faixa de Gaza. A primeira Intifada ocorreu de 1987 a 1993 e a segunda em 2000. Seu braço político faz trabalhos sociais em campos de refugiados mantidos pela UNRWA (Organização das Nações Unidas para Apoio e Trabalho aos Refugiados). Seu braço armado foi o primeiro a empregar homens-bomba, em 1992.

Detém o poder na Faixa de Gaza desde 2007, quando o tomou por um golpe.

4) Hezbollah – Foi fundada em 1982 por muçulmanos xiitas no Líbano. Organização armada terrorista, recebeu do Irã inspiração, incentivo e orientação, e contou com o apoio da Síria. Sua base situa-se no Sul do Líbano. Tem como objetivo a criação de um estado islâmico naquele país, outrora considerado “a Suíça do Oriente”, de maioria cristã e cuja sociedade preferia falar o francês, e não o árabe. Almeja destruir Israel e transformar Jerusalém em uma cidade muçulmana. É muito bem organizada, treinada e realiza um extenso trabalho de assistência social, em particular para os refugiados palestinos que lá vivem.

5) Jihad Islâmica – É um grupo terrorista palestino, de orientação fundamentalista, financiado pelo Irã. É pequeno e conta com reduzido apoio popular. É a mais independente das facções terroristas e tenta realizar ações e atentados contra alvos israelenses. Seu objetivo, tal como de outros similares, é destruir Israel e criar um Estado Islâmico na área, sob controle dos palestinos.

6) Os Talibãs – Constituem um grupo político-religioso que atua no Afeganistão e no Paquistão, e cuja origem se situa nas tribos que viviam na fronteira entre estes dois países, em 1994, após a ocupação soviética do primeiro deles, mas sob o governo de outro

grupo rebelde, dos mujahedins. Apesar de ser também muçulmano, este último era considerado muito liberal, o que não agradava os mais extremistas seguidores de Maomé. Destarte, milícia talibã invadiu a Capital Cabul e tomou o poder, exercendo-o de 1996 a 2001, quando da invasão norte-americana. Todavia, apesar de destituído do poder, continuou atuante e influente. Seu propósito é retomar o governo, e para tanto emprega a tática de guerrilhas e a utilização de homens-bomba. É um grupo radical, que interpreta rigidamente os textos islâmicos, proíbe a adesão à cultura ocidental e obriga as mulheres ao uso da burka.

Entretanto, os talibãs não devem ser confundidos com outros grupos, como a Al-Qaeda, pois eles são provincianos, agem apenas em sua região e nada têm a ver com ataques em outras áreas. Outrossim, só pertencem a ele árabes das tribos afegãs, a maior parte da etnia pashtun. Mas são aliados e se apoiam mutuamente em questões de logística, armas e dinheiro. É bom lembrar que Osama bin Laden, expulso de vários países, encontrou guarida com os talibãs no Afeganistão.

7) A Al-Qaeda (A Base) – Sabe-se que seu fundador foi Osama bin Laden, filho único da décima esposa de um cidadão pobre do Iêmen, que emigrou para a Arábia Saudita – foi lá que nasceu – e onde seu genitor se tornou o homem

mais rico e poderoso, depois do próprio rei. Consta que esta organização surgiu no Sudão, onde Bin Laden passara a residir como importante investidor, após participar de milícias, por ele financiadas, que combateram no Afeganistão, na década de 1980, o invasor soviético. Mas seu propósito, como objetivo mais longo, era combater a família real saudita, cujos modos ocidentalizados detestava, acusando-a de perdulária, corrupta e de adotar conduta “pouco islâmica”. Queria alijá-la do poder e implantar em seu país a semente de um novo califado islâmico. Este era o antigo sonho seu.

Em contato com os outros grupos islâmicos engajados na jihad, em especial com a Irmandade Mulçumana do Egito, foi influenciado a aumentar o leque de seus inimigos, ampliando-o para incluir também os muçulmanos xiitas, os judeus e os cristãos. E, tendo concluído que a única forma válida de combatê-los era o terrorismo, financiou, inicialmente de forma discreta, algumas ações na Argélia e no Egito, e neste último esteve por trás do atentado mal sucedido, perpetrado em 1995 contra o Presidente Hosni Mubarak. Daí haver o governo do Sudão, pressionado por países árabes, tê-lo expulsado de lá, tendo-se apropriado de todos os seus bens imóveis. Emigrou então com suas esposas e um pequeno grupo de seguidores fiéis, mas financeiramente arruinado, para o Afe-



ganistão, onde passou a viver dedicado por completo à jihad. Gradativamente, foi reconstruindo sua organização, reunindo-a a outros grupos islâmicos, lá também refugiados. Aproximou-se dos Talibãs, de cujo líder tornou-se amigo e confidente.

Foi do Afeganistão que Osama planejou e coordenou os ataques às embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia, em 1998, utilizando carros-bomba, que tiveram grande repercussão, pois deixaram 256 mortos e 5.100 feridos; outrossim, o ataque à belonave *USS Cole*, que estava atracada, para reabastecimento, no porto de Aden, no Iêmen, em 12 de outubro de 2000, que resultou na morte de 17 marinheiros norte-americanos e dos dois terroristas suicidas. Osama bin Laden, até então desconhecido no mundo ocidental, tornou-se o terrorista mais procurado, eis que apontado pelos governos dos EUA, do Quênia e da Tanzânia, como o responsável por aqueles atentados.

Em 11 de setembro de 2001, a al-Qaeda realizou o inesperado e surpreendente ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center, em New York, e contra o Pentágono, em Washington, lançando contra eles aeronaves sequestradas em pleno voo. Uma terceira, que estaria destinada à Casa Branca ou ao Capitólio, ambos na capital do país, caiu em uma área desocupada antes de atingir

seu objetivo, graças à heroica ação de passageiros que enfrentaram os terroristas.

Morreram nesses acontecimentos quase duas mil pessoas inocentes. Embora Bin Laden não tenha assumido diretamente ser o mandante daqueles ataques, que foram perpetrados por árabes suicidas, a maioria egípcios e sauditas, que residiam nos EUA, diversos indícios levaram a ele, especialmente quando comemorou tais tremendos e horripilantes feitos.

É justo que se registre, por oportuno, a falha dos serviços de inteligência norte-americanos: embora o terrorista tenha a vantagem da surpresa, informes a respeito de um atentado não foram processados devidamente, em tempo para serem levados em consideração.

Afinal, graças – diferentemente – a uma cuidadosa, paciente e bem sucedida atividade de inteligência, o sítio em que o procurado terrorista se escondia nos últimos cinco anos foi localizado. Foi desencadeada, então, uma operação para sua captura, executada por uma equipe Seal (Forças Especiais da Marinha dos EUA), ação esta assistida ao vivo em tempo real, da Casa Branca, pelo Presidente Barack Obama e integrantes do alto escalão de suas Forças Armadas. Osama bin Laden foi morto e seu corpo, mantido sob custódia militar, foi lançado ao mar, depois de um ritual fúnebre islâmico.

No imóvel onde residia foi apreendida enorme quantidade de material, equipamentos e documentação, que demonstraram, à larga, que o terrorista morto continuava a ocupar a função de líder ativo da al-Qaeda e que planejava outras ações no território dos EUA, especialmente para comemorar o décimo aniversário dos atentados de 11 de setembro de 2001. Com o desaparecimento de seu incontestado líder, ainda não se conhece, efetivamente, seu substituto e a organização parece estar inoperante, por enquanto. Osama bin Laden é um exemplo de poder voltado para o mal, cuja cabeça, condicionada, mandou destruir milhares de vidas inocentes em defesa de um deus e acreditando viver depois em um paraíso, como recompensa pela prática da jihad.

8) O Boko Haram – Muitas vezes denominado de “grupo radical islâmico”, é um grupo terrorista que surgiu na Nigéria, em 2000, como uma seita religiosa, fundada por Mohamed Yusuf, na cidade de Maiduguri, capital do estado de Borno. O nome da facção, no idioma hausa, bastante falado no norte daquele país, significa “a educação não-islâmica é pecado”, ou “a educação ocidental é pecado”. Conforme seu próprio nome sugere, o grupo culpa a cultura ocidental, absorvida pela sociedade nigeriana, como dos principais males do país, sendo, pois, necessária sua erradicação,

porque só assim serão combatidos a corrupção e o descaso das autoridades para com o povo.

Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo e fortalecendo-se, tornando-se cada vez mais radical, graças ao treinamento proporcionado pela al-Qaeda e por outros grupos similares que atuam no norte da África, deles recebendo, inclusive, armamento. Em 2013, os EUA passaram a listá-lo entre os grupos terroristas, em face de seu crescimento e ações por ele cometidas. Chefiado por Abubakar Shekau, já é um dos maiores da atualidade.

Seu principal objetivo, além de combater a herança ocidental deixada pelos britânicos no período colonial, é a construção de uma república islâmica. Para tanto, realiza, inclusive, atentados e sequestros para conseguir avanços territoriais. Sabe-se que já tomou boa parte da Nigéria, especialmente nas áreas norte e nordeste e já executou mais de 3.000 pessoas.

O sequestro de mulheres que vem realizando visa à obtenção de resgate ou negociá-las como escravas sexuais. Em abril de 2014 escandalizou o mundo ao sequestrar cerca de 276 adolescentes, entre 16 e 18 anos. Um poucas moças que conseguiram posteriormente escapar relataram que eram usadas como escravas sexuais, vendidas a integrantes da organização por 12 dólares cada uma,



e outras, ainda, treinadas para integrar o grupo terrorista.

Sabe-se que seu atual líder fez parceria com o Estado Islâmico, que vai ser explicado a seguir, ao qual jurou lealdade. Tal aliança representa o crescimento da ação de grupos radicais e imagina-se que, embora ainda limitado ao território nigeriano, em breve passará a atuar além fronteiras, em países vizinhos ainda não islamizados.

9) O Estado Islâmico (EI) – Essa organização terrorista tem sua origem, segundo historiadores, relacionada à crise política que se instalou no Iraque após os atentados terroristas cometidos nos EUA em 11 de setembro de 2001. Até então, a al-Qaeda possuía considerável liberdade de ação no território iraquiano e em partes da Síria, e daí o seu nome completo: Estado Islâmico no Iraque e na Síria, ISIS em inglês. Nasceu como uma dissidência da al-Qaeda, cujas ações esses descontentes achavam ser fracas e leves. Tornou-se mais radical, para os padrões da organização de origem. O EI tem como objetivo expandir o seu califado por todo o mundo árabe no Oriente Médio, que se regeria pela Sharia, e estabelecer conexões na Europa e no restante do planeta; por meio da jihad, praticar atentados que lhe possa conferir autoridade através do terror. E, tal como a al-Qaeda e o Hamas, expandir o modelo teocrático radical islâmico de governo por meio de métodos terroristas. Sunita, o EI, desde 29 de agosto de 2014 tem como líder Abu Al

-Baghdadi, que já se havia autoproclamado califa da região NW do Iraque e de parte da região central da Síria.

Esta Organização vem ocupando, hodiernamente, noticiários de jornais, TV e revistas, por conta das barbaridades que tem praticado, como sequestros e estupro de mulheres e crianças, massacre de cristãos e de muçulmanos xiitas e, também, pela decapitação de dois jornalistas ocidentais, um deles norte-americano, entre agosto e setembro de 2014.

É motivo de surpresa a grande adesão de simpatizantes não-islâmicos do mundo ocidental, a maioria europeia, e que se integram à campanha jihadista, muitos atraídos pelo desejo de aventura, outros pela facilidade de possuir mulheres de todas as idades. Há também mercenários. Muitos desses estrangeiros, para provar sua lealdade à causa, são utilizados como carrascos para o sacrifício de “infieis”, seja com um tiro na nuca, seja decapitando-os. E isto é feito em série, diante de câmeras de TV! Dados recentes informam que esse número de engajados já se situa entre 2.000 e 3.000, a maioria deles franceses, alemães, britânicos e belgas, além de cerca de 100 norte-americanos.

O EI, apelidado de “Exército do Terror Transnacional”, já contaria hoje, segundo estimativas confiáveis, com 30.000 militantes, mas há também quem afirme que, em todas as áreas, já haveria cerca de 200.000 adeptos, ou já engajados em ações,



O surgimento do grupo Estado Islâmico causou apreensão no Ocidente, sobretudo devido às atrocidades cometidas por seus integrantes e à sua capacidade de recrutamento

ou ainda em compasso de espera. Hoje ele constitui a maior ameaça à paz e à segurança internacionais e materializa a mais contundente revolução no combate assimétrico jamais ocorrida.

Mas há outro aspecto da atuação do EI pouco conhecido: suas atividades, visando, obviamente, conquistar o apoio da população das áreas por ele dominadas. O conhecimento de alguns de seus integrantes sobre o comércio de petróleo tem deixado muita gente impressionada. Pessoas que praticavam o contrabando, ao tempo de Saddam Hussein, para fugir das sanções impostas pela ONU nos anos 90, estão agora fazendo o mesmo para o EI. Consta que vendem cada barril do “ouro negro” a preços 50 a 55% mais baixos do que o valor de mercado. O lucro daí resultante vai, parte para a cúpula do EI e parte para fazer funcionar escolas, fornecer energia elétrica,

telecomunicações, água, alimentos e outros serviços aos árabes residentes nas áreas aludidas. E esse apoio já vem sendo estendido a outras cidades no Iraque e na Síria, bem como a regiões da Turquia e da Jordânia, destarte criando um sistema próprio de patrocínio panterritorial. O Hezbollah faz coisa semelhante no Líbano

### **A CRISE NO CRISTIANISMO FACILITOU A EXPANSÃO**

É sabido que o cristianismo, levado por missionários, dentre os quais, entre os pioneiros, o extraordinário Paulo de Tarso, da Terra Santa passou à Ásia Menor e daí à Europa. Teve, durante muitos anos sua sede em Roma, como Igreja única, e daí começou a espalhar-se para o mundo todo. Com a Reforma Protestante de 1517, uma outra vertente do cristianismo – sem



mencionar o surgimento antes, da Igreja Ortodoxa, que se limitou ao Sul do Continente e aos Balcãs – espalhou-se também, em particular por Alemanha, Grã-Bretanha, Escócia, Irlanda. Países Baixos e Países Nórdicos. E, em seguida, essa nova mensagem foi levada aos outros continentes. No Brasil, recebemos sacerdotes católicos romanos da Itália e da Espanha, em maioria, e pastores protestantes da Grã-Bretanha e dos EUA.

O que está acontecendo na Europa, desde a segunda metade do século XX e agravando-se no presente século? Sabemos que religião não salva, denominação não salva. O que salva é a fé. Mas a fé vem pelo ouvir a pregação da Palavra de Deus (Romanos 10:17). Ressalte-se que, por se afastar da verdade, a Igreja, tem sido ela própria, o seu pior inimigo. Há escândalos no Vaticano (problemas financeiros), há escarcéus com casos de pedofilia, homossexualismo e outros, muitos acobertados. No começo deste século, a revista *Time* publicou uma longa reportagem acerca do declínio da religião cristã na Europa e a chamada de capa para tão interessante matéria era: “Onde Deus foi? Onde está a fé cristã?”.

Tal trabalho revelou que muitas pessoas entrevistadas declararam que religião não tinha importância para elas, isso na França, na Grã-Bretanha, na Holanda e na Espanha. A Universidade Tilburg, da Holanda, nos primeiros anos do Século XXI, realizou um estudo em vários países do Velho Continente, o qual serviu de base à reportagem acima referida. Nesse estudo, à guisa de introdução e chamada, dizia: “As Igrejas estão cheias apenas pela metade”.

Duas perguntas foram formuladas: Você tem alguma religião? Em caso afirmativo, vai a um serviço religioso (missa ou culto) pelo menos uma vez por mês? Não vamos reproduzir a extensa lista de resultados, mas apresentar apenas alguns, os mais expressivos, para maior e para menor, em percentual da população, reafirmando que, desde então, a situação piorou bastante:

<b>País</b>	<b>Você tem uma religião? Responderam sim</b>	<b>Em caso afirmativo, vai à sua igreja ao menos uma vez por mês?</b>
Grécia	96	11,9
Polônia	95,7	78,3
Dinamarca	90	11,9
Portugal	89	51,2
Finlândia	88,1	11,9
Grã-Bretanha	83,4	14
Itália	82,2	57,7
Islândia	81,3	31,5
Alemanha	76,6	30
Suécia	75,8	9,3
França	57,5	13
Países Baixos (Holanda)	44,8	25,3
República Tcheca	33,6	11,7

Diz-se que o Catolicismo Romano continua sendo a religião majoritária na Europa, mas o número daqueles que declaram segui-la caiu em mais de 30% desde 1978. E o número de pessoas que procuraram admissão como membros em igrejas cristãs diminuiu em torno de 20% desde então.

Esse declínio não é só estatístico, ele é visível: muitas igrejas fechadas, símbolos (como a cruz) retirados de escolas e repartições públicas; o número de chamados ao sacerdócio, reduzido. Templos históricos transformados apenas em museus para turistas, que os visitam sem a menor reverência, ou que viraram “pubs” ou restaurantes. Isto sem falar nos “ventos de doutrina”, que sopram aqui e ali...

E nos EUA, a potência cristã, paladina da democracia e a quem devemos a vinda de tantos missionários? O Presidente Barack Obama, em seu primeiro mandato, em 2009, declarou: “Nós não nos consideramos uma nação cristã”. Teria ele razão em fazer tal afirmativa? A verdade é que muitos veem os EUA em fase de descristianização.

Foi mais ou menos isto que a filha de Billy Graham respondeu, franca e lamentavelmente, citando exemplos, quando lhe perguntaram onde estava Deus em 11 de setembro de 2001, quando do ataque terrorista islâmico às Torres Gêmeas de New York. Embora 86% dos norte-americanos tenham declarado serem

cristãos em 1990, lá pelo ano 2007 este percentual tinha caído para 78%. No ano em curso, 2015, 7 entre 10 pessoas ainda confessaram ser cristãs. Todavia, o número daqueles que se consideram ateus, agnósticos ou que não têm crença alguma, tem chegado a 23 entre 100, número este que excede o de católicos romanos e é ligeiramente menor do que daqueles evangélicos que pertencem a uma das maiores Igrejas conservadoras: Presbiteriana, Metodista, Batista, Luterana e Episcopal.

O número destes últimos decaiu de 50% em 1958 para 14% atualmente. Depois da geração dos anos 1960, (a do “faça amor e não a guerra”), a herança por ela deixada foi a de que, como pensavam, as Igrejas são irrelevantes para a mocidade norte-americana. Antes de 1945, 85% dos americanos do norte nascidos eram de famílias cristãs, mas apenas 57% dos que nasceram depois de 1980 o são. Podemos pensar sobre a razão de tal decréscimo, pelas experiências que oferece.

O Presidente Woodrow Wilson afirmou: “A América nasceu uma nação cristã”; e Harry Truman assegurou “Esta é uma nação cristã”. Exatamente ambos disseram o que Barack Obama vem de modificar, multiplicando por -1, no linguajar matemático, aquelas declarações.

Quais seriam as razões deste fenômeno? Pesquisadores levantaram quem são os culpados por tal declínio:





- majoritariamente, apontam a Suprema Corte, eis que, desde a era Earl Warren, que mandou retirar todos os símbolos cristãos das escolas e logradouros públicos, criaram-se condições para a chamada “revolução secularista”;

- os novos valores anticristãos que vêm sendo absorvidos pela elite cultural – artistas, professores, meio universitário, profissionais de comunicações – e que começaram a ser divulgados através de livros, revistas e filmes, um assalto às crenças cristãs e à moral;

- a revolução social promovida pela geração dos anos 1960, já aludida, com os festivais Woodstock e eventos dissolutos semelhantes;

- a contracultura divulgada por aquela geração e os novos valores trazidos por ela, que foram sendo abraçados pelas elites e passaram a dominar a cultura, chegando até à Casa Branca.

Com tudo isso, declinou o cristianismo, enquanto cresceram o individualismo, o materialismo e o hedonismo. Daí o aumento do número de abortos (mais de um milhão por ano), de suicídios, da eutanásia, vistos agora, pela geração “selfies”, como marco do progresso social de uma sociedade americana. “Pão e circo” era o lema do velho Império Romano para manter dominados os povos conquistados. Hoje esse lema mudou para “Sexo, drogas e rock’n roll”.

Permitam-me os leitores apresentar uma experiência pessoal, um testemunho, para ilustrar e ratificar o que se está registrando. Residi nos EUA, no meio-oeste, Estado de Kansas (“The Bread basket of the world”) ao largo de uma pequena cidade, então com trinta e cinco mil habitantes, na segunda metade dos anos 1970. Havia terminado a guerra do Vietnã, com a derrota americana, reconhecida por eles e iniciada no próprio país. Lá havia igrejas grandes, tanto católico-romanas como evangélicas, de diversas denominações: presbiteriana (onde eu congregava), metodista, batista, episcopal e Assembleia de Deus. E também Testemunhas de Jeová. Na enorme organização militar onde eu trabalhava e residia, havia uma histórica Capela Anglicana, construída pelos desbravadores na marcha para o oeste (a travessia do Rio Missouri fazia-se ali), uma Igreja Católica Romana, um templo ecumênico cristão e um templo maçônico. Aos serviços dominicais, comparecia um bom público. Nunca mais voltei lá e creio que, em uma área conservadora, não deve ter havido sensíveis alterações ao longo do tempo. Porém, a partir de 2002, passei a viajar regularmente, uma vez por ano, para New Jersey, na costa leste, para visitar parentes que lá residem. Soube que os efeitos da contracultura fizeram-se sentir. Porém, após os atentados de 11 de setembro de 2001, do outro lado do

rio Hudson, as igrejas voltaram a ficar cheias. O patriotismo aflorou vibrante: viam-se Bandeiras Nacionais em um grande número de imóveis e tremulando nas antenas dos carros.

Passaram-se os anos. Não ocorreu outro atentado do gênero. As igrejas voltaram a ficar vazias. Em duas que visitei, grandes, não havia mais de 20 pessoas, se muito, no culto dominical. Até no culto do Dia Nacional de Ações de Graças, que recebe mais ênfase do que o próprio Natal, era pífia a presença. A propósito, lembro, aqui pensamento de um velho soldado Marlborough (Século XVII), que muito me agrada repetir:

Amamos nosso Deus e nossos soldados nos momentos de perigo, não antes. Passada a refrega, eles são recompensados: nosso Deus é esquecido, nossos soldados são desprezados.

Arnold Toynbee, consagrado historiador, escreveu: “Civilizações falecem por suicídio, não por assassinato”.

Como complicador, não levado em conta por muito tempo, há também o fator demográfico. A população de um país, que conforma a nação, é eterna, geração após geração, num processo contínuo e incessante. Governos passam, são transitórios. E uma nação tem suas características, seus valores, suas tradições, hábitos, costumes, que são transmitidos de geração a geração: pais

para filhos, estes para seus filhos, e assim por diante. Todavia, já está comprovado que, para que uma cultura seja preservada por mais de 25 anos, é necessário que haja uma taxa de fertilidade, na nação, de 2,11 filhos (estatisticamente) por família, ou por casal. Abaixo deste valor ou índice, a cultura sofre um processo de decréscimo, de esquecimento. Dados históricos mostram que nenhuma cultura sobreviveu com uma taxa de fertilidade de 1,9 e, quando este indicativo chega a 1,3, é praticamente irreversível, uma vez que seriam necessários de 80 a 100 anos para corrigir esse problema, economicamente insustentável.

Um vídeo elaborado pela 1ª Igreja Batista de São José dos Campos é assaz elucidativo ao abordar o assunto, inserido no tema da Expansão do Islamismo no mundo e o que a tem facilitado. É um alerta a todos nós. Dele retiramos as informações acima e outras a seguir, por sua oportunidade e clareza.

Na França, a taxa de fertilidade é de 1,8; na Grã-Bretanha 1,6; na Grécia 1,3; na Alemanha 1,2; na Itália 1,2; na Espanha 1,1. Todos assaz preocupantes, pois abaixo do limite 1,9. Na União Europeia como um todo, com seus 31 países-membros, a média dos índices de fertilidade está abaixo de 1,38. Ora, tais dados indicam que a população autóctone está diminuindo. Mas, com tudo isto, a população dos países europeus não



está decrescendo graças à imigração. E imigração islâmica. Portando, enquanto a população natural de um país encolhe, acontece o mesmo com a cultura. Cerca de 90% dos imigrantes, desde 1990, têm sido de islâmicos, cuja taxa de fertilidade é de 8,1. E eles casam-se entre si.

É natural que um imigrante, para viver bem, precise adaptar-se à vida do novo país para onde se mudou, onde vai residir. É óbvio que há uma troca de experiências, mas aquele que chega tem muito mais a receber, a aprender, do que a transmitir o que ele traz de sua origem, como, por exemplo, hábitos alimentares, comidas típicas, vestuário, artesanato etc. Mas com os indicativos acima, é o imigrante que está transmitindo muito mais do que recebendo.

## **A EXPANSÃO POUCA A POUCA E CONTÍNUA**

O avanço do islamismo é marcado por violência e mortes. Dizem que isto está na essência da Sharia. Verdade ou não, levantamentos realizados revelam que, em 1.400 anos, o número de mortes causadas pela jihad – e essas mortes são chamadas de “lágrimas da Jihad” – é o seguinte:

- cristãos: 60 milhões;
- hindus: 80 milhões;
- budistas: 10 milhões; e
- africanos: 120 milhões.

Respaldam tal conduta as prescrições da documentação básica, referida no início deste artigo, que diz que “um mártir muçulmano é aquele que mata por Alá e pelo Islã”, e qualquer pessoa que matar um kafir pode tomar para si o que puder.

Nos dias atuais, sabe-se que o Islã já controla politicamente o Afeganistão, a Argélia, o Bahrein, o Egito, a Guiné, a Indonésia, o Irã, o Iraque, a Jordânia, o Kuwait, a Líbia, as Ilhas Maldivas, a Mauritânia, o Marrocos, o Omã, o Paquistão, o Catar, a Arábia Saudita, o Senegal, a Somália, a Tunísia, a Turquia, os Emirados Árabes Unidos e o Iêmen. No Cazaquistão, na Tanzânia, na Malásia, no Mali e em Moçambique, a população muçulmana já é maior que 50% do total. Na Índia, na Rússia, na Tailândia, Zâmbia, Gana, Quênia, Madagascar, Suriname (na América do Sul), esse percentual vai de 10% a 50%.

Como se vê, com grande concentração no Oriente Médio, África e Ásia, o islamismo já é abraçado por uma significativa parcela da população mundial, já sendo, incontestavelmente, a segunda maior religião do planeta, que cresce a olhos vistos e ameaça ultrapassar o cristianismo.

Dissemos antes que, em face do crescimento ínfimo da população de outros países ocidentais, a solução para que não falte mão de obra é baseada na imi-

gração. Há imigração regular e, às escâncaras, a irregular, seja por terra, passando pela Ásia Menor, indo aos Balcãs e daí espalhando-se pela Europa, seja atravessando o Mediterrâneo em uma aventura arriscada que no corrente ano já fez 2.373 vítimas.

No Mediterrâneo, nestes últimos dias, uma corveta da Marinha do Brasil que navegava para substituir uma fragata da mesma Força, que, a serviço da ONU, patrulha a costa da Faixa de Gaza, vem de resgatar 220 refugiados, dentre os quais mulheres e crianças, que estavam em vias de naufragar, a bordo de um bote com excesso de pessoas.

É certo que não se pode afirmar que todos esses refugiados são muçulmanos, mas a maioria é, o que irá agravar o quadro já existente. Alguns países europeus já estão tentando barrar essa avalanche. A Hungria, por exemplo, pretende construir um muro na fronteira para impedir a entrada pela Sérvia.

A França, parece, acordou para o problema. Talvez um pouco tarde, pois 30% de sua população com menos de 20 anos já é de maometanos. Em cidades maiores, como Paris, Marselha e Nice, esse percentual sobe para 45%. Em 2027, estima-se que 1 em cada 5 franceses será muçulmano. E o sul da França, onde outrora havia belíssimas catedrais, em grande número, agora há mais mesquitas do que igrejas. Na Grã-Bretanha,

nos últimos 30 anos, a população muçulmana cresceu de 82 mil para 2,5 milhões, o que significa que aumentou 30 vezes. Lá já existem milhares de mesquitas, e algumas delas foram Igrejas cristãs no passado. Na Holanda, metade dos recém-nascidos foi em famílias muçulmanas e, em 15 anos, estima-se que 50% da população também o será. Na Bélgica, 25% da população segue o Islã e 50% dos recém-nascidos o foram em famílias muçulmanas. Na Rússia, há mais de 23 milhões que professam o islamismo, o que significa 1 em cada 5, e 40% dos soldados russos são muçulmanos.

O Governo Alemão foi o primeiro a reconhecer publicamente essa realidade, quando declarou: “A queda da população alemã não pode mais ser detida. Sua espiral descendente não é mais reversível. Este será um estado muçulmano em 2050.”

O presidente da Líbia, Muammar Kadafi, já falecido, declarou que: “Há sinais de que Alá garantirá vitória ao Islã na Europa, sem espada, sem armas e sem conquistas. Não precisamos de terroristas ou homens-bomba suicidas. Os mais de 50 milhões de muçulmanos na Europa a transformarão em um continente islâmico em poucas décadas”. De fato, pelo que foi registrado acima, estima-se que, em pouco mais de dez anos, o número deles ultrapasse os cem milhões.



No Continente Americano, sabe-se que, no Canadá, a taxa de fertilidade é de 1,8, bem abaixo dos 2,11 e bem próximo de 1,3. Também lá a população aumentou devido à imigração. O Islã é a religião que mais cresce. Nos EUA, a taxa de fertilidade, que estava em 1,6, cresceu para 2,11 graças, sobretudo, à imigração de latino-americanos. Mas o número de muçulmanos que em 1970 era de 100 mil, hoje já é de quase dez milhões.

No Brasil, até agora, há pouco mais de um milhão de muçulmanos espalhados em todo o território nacional, sendo que as maiores comunidades encontram-se em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná (Curitiba e Foz do Iguaçu) e Rio Grande do Sul. Não há registro de violência praticada por lá, mas sabe-se que da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina já saiu apoio financeiro à jihad. E já foram vistos muçulmanos distribuindo folhetos com informações na movimentada Praça da Sé, na capital paulistana.

Há ainda outras constatações sobre os efeitos da imigração muçulmana na Europa, conforme encontrado na mídia, algumas curiosas e outras que revelam a longa preocupação com os resultados que deviam ser previstos:

- há momentos em que o tráfego fica congestionado em certas ruas de bairros de Londres, porque muçulmanos estão nelas orando;

- já há em certos países como França, Alemanha e nos Balcãs, verdadeiros enclaves muçulmanos, tais como guetos, onde só eles vivem e que são áreas proibidas para os carros e até para a polícia (no go zones). Nelas há escolas onde só podem ser usados livros-textos aprovados por autoridade do Islã. Neles, ainda são recolhidos recursos financeiros para apoio à Jihad;

- segundo as Cortes britânicas, é proibido aos cristãos falarem sobre o cristianismo ou entregar folhetos e outras publicações religiosas aos muçulmanos;

- como o estupro pode, na Shari'a, ser aplicado a mulheres infiéis, não-muçulmanas, a polícia sueca é proibida, em suas investigações, de divulgar dados que possam apontar para o Islã;

- já ocorreram, em Londres, manifestações em massa de muçulmanos desejando que a Sharia passe a regular a vida de todos, independentemente de religião;

- durante o Ramadã, evento religioso que obriga o muçulmano a jejuar do nascer ao pôr do sol, nos hospitais é proibido aos não-muçulmanos comer na frente dos que estão seguindo os mandamentos de Maomé;

- em hospitais britânicos, mulheres muçulmanas são tratadas apenas como exige a lei islâmica;

- universidades europeias recebem pedidos para proverem piscinas e

outras áreas de lazer onde haja privacidade para as mulheres muçulmanas;

- há escolas de terceiro grau nas quais, ao se estudar a história do islamismo, é proibido usar o pensamento crítico;

- já houve processo contra hospitais por não terem proporcionado, a pacientes muçulmanos, tratamento seguindo a Sharia;

- em certos aeroportos, já estão sendo montadas salas para que os muçulmanos possam fazer suas orações e banheiros com peças de louça de formato especial que permitem a eles lavar os pés antes de seus rituais de oração. No terminal da empresa Emirates, em Orlando, na Flórida, já existe isso;

- refugiados ou imigrantes islâmicos trazem para países onde vão viver, nos quais não há poligamia, suas esposas, ao arrepio das leis neles vigentes. Sabe-se, também, que nos EUA as penitenciárias e presídios tornaram-se redutos para conversão de detentos ao Islã. E que escolas, fábricas e outras organizações enfrentam pedidos de tempo e espaço para as orações islâmicas.

No momento, o grupo que mais causa preocupação, por suas ações caracterizadas por pura barbárie e violência, força retrógrada e autodestrutiva, é o Estado Islâmico (EI ou ISIS). É também, na verdade, algo mais denso, articulado e, por isso, mais perigoso. É um

califado digital, com ameaças e imagens horripilantes. Tem alto sentido publicitário, pois visa a amedrontar a sociedade ocidental e sensibilizar jovens vulneráveis em seus respectivos países, atraindo-os e convocando-os para se integrarem à campanha “heroica” em defesa, ou na busca de um “admirável mundo novo, livre de infiéis, onde todos serão iguais, sem fome e sem miséria, com o ocaso do capitalismo e dos ultrapassados valores ocidentais”. Considerando Damasco, na Síria, como “centro do mundo”, o EI promete apressar a chegada de uma idade de ouro, semelhante à que se seguiu à morte do profeta Maomé, quando o califa será o efetivo lugar-tenente de Alá. Trata-se, portanto, de uma campanha expansionista “em terreno anfíbio”. Há duas guerras em curso: a física e a virtual.

No vazio de poder que se instalou no Iraque e, depois, na Síria, o EI vem conquistando cidades e logo assumindo tarefas administrativas que seus habitantes não conheciam, uma vez que não estavam nas preocupações dos governos respectivos: restauram os serviços públicos, especialmente de água e luz; hospitais voltam a funcionar, e também o comércio e segurança. A receita dos poços de petróleo, como mencionado antes, garante-lhes milhões de dólares, à qual se somam as ofertas recebidas de países vizinhos, que lhes fornecem também armas modernas e disponibilizam centros de treinamento.



Destarte, em sua expansão, realizam o que chamam de “limpeza ética e religiosa”.

Presentemente, o centro de gravidade das ações do EI ainda é o Iraque. Mas sua jihad não se limita ao Oriente Médio. Pretende levá-la além, à Europa e aos EUA, eis que ameaça friamente: “Atacaremos vocês de surpresa, vocês não farão nada contra nós, conquistaremos sua Roma, quebraremos suas cruzes e escravizaremos suas mulheres, com a permissão de Alá. Esta é a sua promessa para nós”.

E a atuação desse grupo, que lembra a da al-Qaeda, obedece alguns princípios, como que grandes objetivos estratégicos:

- execução em massa, especialmente de cristãos. De fato, quando conquistam uma cidade, é essencial, desde logo, decapitar o primeiro a ser preso, seja muçulmano xiita, cristão, criança, civil supostamente traidor, para infundir o terror e mostrar que agora eles é que estão no comando. O deliberado assassinato de cristãos na Síria, no Iraque e na Líbia teve o propósito de revoltar o mundo ocidental.

- escravidão sexual. Argumentando que a lei da Sharia respalda tal procedimento, procuram chocar os valores ocidentais com tal ameaça e com a notícia do leilão de meninas impúberes e com a de que as dão de presente, como recompen-

sa, a combatentes da jihad. Isto é pior do que simplesmente matá-las.

- destruição de antiguidades. Tem o propósito de apagar o passado. Argumentando que a potência hegemônica e outros países do 1º mundo nunca estiveram realmente interessados no que acontece no Oriente Médio – onde árabes vêm lutando durante anos, matando-se uns aos outros – mas só em suas riquezas, têm provocado a ira do mundo ocidental pela destruição de seu patrimônio histórico, parte até tombado pela UNESCO. Seguindo os passos dos talibãs, que destruíram velhas estátuas de Buda, os jihadistas do EI destruíram recentemente uma estátua do Leão de al-Lat, com três metros de altura e algumas toneladas de peso, de mais de dois mil anos (seria do Século I a.C.), a golpes de marreta. Com este, nove dos dez patrimônios mundiais na Síria e no Iraque já foram destruídos. Numerosos locais históricos estão sendo varridos do mapa. Tem ocorrido também, aproveitando-se do caos na região do rio Eufrates, a pilhagem de sítios arqueológicos no país, levados depois, via terrestre, através da Turquia ou do Líbano, para serem vendidos a receptadores no próprio Oriente Médio, na Europa, China e EUA. Até os muros milenares dos 40 povoados antigos do noroeste sírio têm servido de alvos para treinamentos militares dos jihadistas. Aleppo e Palmira, cidades his-

tóricas da Síria, já estão com 60% de sua área destruída.

- ataque a turistas. Turistas trazem maus exemplos, têm hábitos e costumes que nos convém proibir, é o que possivelmente pensam os que atacam estrangeiros, que viajam atraídos por locais aprazíveis, como a Tunísia, apontada como um dos dez melhores locais para descanso. Daí os atos de terrorismo contra eles, amplamente noticiados.

- ataque aos homossexuais. Como o direito dos gays é algo preservado no mundo ocidental, procuram matá-los, com grande propaganda, seja decapitando-os, seja com um tiro na nuca, seja jogando-os do alto de um edifício.

Como é perfeitamente compreensível, são ações de fanáticos desumanos em sua luta para expandir suas ideias. Matar em nome de Alá?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM ALERTA**

A Rádio al-Bayan, que alcança milhares de ouvintes, que pode ser sintonizada pelas redes sociais e cujas transmissões se comparam, pela nitidez, a qualquer estação do Ocidente, divulga, em inglês com sotaque norte-americano, as notícias do dia: vitórias do ISIS ou EI. Porém o objetivo desses programas não é informar, e sim recrutar ocidentais.

Calcula-se que cerca de dez mil jovens, ávidos por aventura, já terão atendido a esse chamado, mas a qualidade da transmissão evoluiu muito desde que, em 1992, um francês, em nome da al-Qaeda, ameaçou a França. Vídeos do EI, falados em três idiomas, mostram homens de olhos claros em treinamento jihadista, execução de prisioneiros e também em ataques suicidas. Em idiomas de países da Europa, por exemplo, convocam médicos para acabar com o sofrimento de muçulmanos que não têm acesso à medicina adequada, mostrando-lhes equipamentos e aparelhagens novos que estariam à disposição deles; outra transmissão dizia que os que aceitassem o convite poderiam trazer suas famílias, e cursar Medicina gratuitamente; outra, ainda, dizia que a água é grátis, a gasolina subsidiada e que os serviços odontológicos são superiores aos oferecidos no mundo ocidental. São técnicas de atração que têm dado certo e que têm sido difíceis de combater, reconhecem cientistas políticos.

O EI tem pago a famílias espanholas para que se juntem a ele na Síria e no Iraque, e elas vêm sendo atraídas, não só pela ideologia jihadista, mas também pelo ganho financeiro oferecido – cerca de 20.000 euros de ajuda de custo, mais residência e um salário mensal – a fim de garantir estabilidade e ordem nos territórios conquistados.





Porque, com pouco mais de quatro anos de conflito, a guerra na Síria provocou mais de 230 mil mortes e deixou pelo menos 4 milhões de desabrigados. Um terço da população teve que se deslocar e grande parte para o Velho Continente, em busca de refúgio.

O Primeiro-Ministro inglês David Cameron, depois do ataque a turistas na Praia de Sousse, na Tunísia, ação esta praticada pelo EI – e assumida – e que acabou com 39 mortos, pressionado, prometeu “uma resposta em larga escala contra essa organização terrorista”. E declarou: “O combate ao EI é a luta de nossa geração e ela será longa. Temos de dar à nossa polícia e serviços secretos as ferramentas de que eles precisam para erradicar esse veneno”. E informou que as autoridades impediram quatro ou mais atentados no país, nos últimos meses.

A Ministra da Justiça da França, em recente e longa entrevista, apontou as dores do seu país e da Europa neste momento de crise de identidade, ameaças terroristas, angústia com o destino da Grécia e desorientação no trato com imigrantes.

Seis meses após o atentado ao jornal *Charlie Hebdo*, que ocupou as manchetes dos meios de comunicação ocidentais, declarou que “A guerra que estamos enfrentando em três continentes não é uma guerra de civilizações, nem é uma guerra religiosa, porque os muçulmanos

são os que mais morrem nas regiões em guerra, onde há atos terroristas todos os dias. É uma guerra política! Houve uma mudança a partir do momento em que o EI conquistou um vasto território, com riquezas e um potencial econômico importante.

As interpretações do Islã e a guerra aos infiéis são um pretexto; é um projeto político. Depois da 2ª Guerra Mundial, a Europa se habituou à ideia de que a guerra tem regras – a Convenção da ONU, por exemplo, estabelece crimes de guerra e define as sanções para os criminosos. Mas o EI mostra que pode fazer guerra sem nenhuma regra, que as convenções nada valem para seus atos. Nós fomos pegos de surpresa. Integram-nos gente de todo lugar, da Tunísia, do Marrocos, até das pequenas ilhas do Caribe. O número é grande e é importante trabalhar para impedir esse recrutamento. O que o EI faz é monstruoso.

Seus integrantes sabem disso e o usam como uma maneira de chocar, de criar um efeito psicológico: mostram um espetáculo odioso com as decapitações. O número de jovens franceses fascinados pelo EI não me surpreende, mas mexe comigo, pois eles nos jogam na cara alguns de nossos fracassos. A juventude é a idade da alegria, da descoberta, da esperança, da confiança em si mesmo, da leveza em relação ao mundo. O que não fizemos ou fizemos mal para que os jo-

vens tenham perdido o amor pela vida? É um fracasso não darmos confiança no futuro a esses moços fascinados pelo crime e pela morte. A Europa está desorientada ... habituou-se a tratar dos sintomas e esqueceu-se de indagar as causas”.

E sobre as levas de refugiados, prosseguiu: “As pessoas chegam às costas italianas ou espanholas fugindo da desordem do mundo, portanto a Europa tem de dar uma resposta condizente com seus valores fundamentais: o humanismo, a solidariedade, o respeito ao ser humano. Não podemos só tratar o problema assim, há um trabalho de identificação das redes criminosas. Estas, precisam ser combatidas e o as imigrantes acolhidos: dar asilo nos casos necessários e, para os que fogem da miséria ou de mudanças climáticas, é necessário acolhê-los provisoriamente. Eles enfrentam todos os riscos, porque é insuportável a vida em seus países. Temos que trabalhar para que possam ser mais felizes em sua nova casa”.

Mas a Alemanha, que demonstrou disposição para ajudar, agora está reconsiderando sua posição. Munique já não suporta o número de imigrantes que lá chegam. O governo alemão já decidiu realizar o controle de fronteiras, especialmente com a Áustria, como maneira de forçar a União Europeia a estudar a questão e aceitar um plano de dividir os refugiados, que passarão a

não ter o direito de escolher o seu novo destino. Sim, porque a eles só interessa estabelecer-se na Alemanha, na França, na Holanda e na Suécia, por exemplo, e não na Grécia, na Albânia, na Bulgária e em outros países da Europa Central e dos Balcãs. E há Estados de maioria católica romana, como Polônia, República Tcheca, Hungria, Eslováquia, que se recusam a receber muçulmanos. A Áustria e a Hungria já estão construindo barreiras para impedir a entrada de imigrantes muçulmanos vindos dos Balcãs.

Aí estão dois problemas: os fanáticos jihadistas, que querem expandir suas ideias distorcidas à custa de mortes, assassinatos, estupros, violência enfim, que podem infiltrar-se nessas levas de imigrantes – lembremo-nos de que os terroristas da al-Qaeda que jogaram aeronaves contra as Torres Gêmeas e o Pentágono, residiam nos EUA – e as famílias que perderam tudo e querem levar uma nova vida em paz, distante do cenário de guerra onde viviam. De qualquer forma, haverá nos países da Europa um aumento considerável de islâmicos, eis que, sem dúvida, são a maioria daqueles refugiados. A estimativa de mudança de valores, de identidade nacional antes comentada, só se agravará.

E o jornal inglês *Sunday Express* vem de publicar uma grave denúncia: mais de 4.000 militantes do EI já entraram na Europa, disfarçados de refugiados:



atravessaram o Mediterrâneo para chegar à Itália e, depois, à Alemanha e à Grécia. O jornal afirma que essa infiltração maciça de militantes é parte de um elaborado plano de vingança contra os ataques aéreos às posições do grupo, na Síria e no Iraque, realizados pela coalização internacional liderada pelos EUA. Uma fonte do EI revelou – diz o periódico – “Não queremos estabelecer o califado apenas na Síria, mas também no mundo”.

O *Daily Mail*, outro importante jornal britânico, revela que milhares de muçulmanos, inclusive radicais, vêm mentindo sobre sua verdadeira religião para facilitar sua admissão e este é apenas um dos argumentos que usam para ter sua entrada facilitada. E o jornal acrescenta que se deve esperar para breve uma onda de ataques terroristas na Europa.

No encerramento da 41ª reunião do G7 (EUA, França, Canadá, Reino Unido, Alemanha, Itália e Japão), perante representantes de países do grupo e líderes convidados do Iraque, da Etiópia, da Libéria, Nigéria, Senegal e Tunísia, bem como dos Presidentes da Comissão Europeia, do Conselho Europeu e do Secretário-Geral da ONU, o Presidente norte-americano Barak Obama declarou não dispor ainda de uma estratégia para conter o EI e que, no combate que vem travando, tem tido sucessos, mas também reveses. Pergunta-se: não dispõe, ou não quer tê-la?

Para combater o EI, já há, na Síria e no Iraque, um grupo de antijihadistas de países distintos, como Canadá, Holanda, Grã-Bretanha, EUA e China, de mais de quatrocentos estrangeiros que se uniram, voluntariamente, às tropas curdas, sírias e iraquianas. Encaram isto como uma luta contra a barbárie dos extremistas sunitas e sua “intolerante leitura do Alcorão”. São poucos ainda, em comparação com o número de estrangeiros que já se filiaram ao EI, o qual, segundo dados fornecidos pela ONU, é de mais de 25 mil.

Na Síria, outrossim, organizou-se a YPG–Unidade de Proteção Popular, semelhante à tradição das Brigadas Internacionais que lutaram na Guerra Civil Espanhola.

Encerrando este trabalho, não sendo o autor descendente, seja de árabes, seja de judeus, mas tendo amigos diletos em ambas as etnias, é preciso observar o papel do Estado de Israel neste contexto. Já mencionamos antes que o objetivo político de todas as organizações muçulmanas aqui listadas é eliminar o Estado de Israel do mapa do Oriente Médio, “como um intruso na área”. Mas muitos consideram que Israel é o escudo que preserva, presentemente, a cultura ocidental ameaçada. E, embora o EI ainda não tenha atacado o estado judeu, já tem atuado em Golã, região estratégica que Israel conquistou

da Síria na guerra de 1967, e que julga importantíssima, não só pelos recursos hídricos – nascentes do Rio Jordão – ali existentes e vitais para uma área onde a água é carente, como observatório sobre a Síria e posição de defesa para barrar qualquer invasão terrestre de lá vinda. A propósito, vale lembrar: Israel tem negado receber refugiados que lhe pedem asilo. O argumento do Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu é: “Não vamos deixar Israel afundar por causa de uma onda de imigrantes ilegais e militantes terroristas”.

Causa espécie, também – e a mídia internacional não tem questionado isso – por que países ricos do Oriente Médio, geograficamente próximos e com identidades linguística, cultural e religiosa, como a Arábia Saudita, o Ca-

tar, os Emirados Árabes, o Kuwait e o Bahrein, não se ofereceram para receber os “irmãos” refugiados.

Tendo em mente as consequências da imigração islâmica na Europa, antes abordada, reafirmamos que, como escreveu alguém que não identifico: “Quando a fé morre, a cultura e a civilização que dela nascem morrem também e então a nação morre. E uma nova tribo, com seus próprios deuses, vem ocupar o espaço vazio”.

Países do Velho Continente, de onde o cristianismo se espalhou para o mundo todo e que estão à beira da islamização, precisam, urgentemente, de missionários cristãos, para cumprir a Grande Comissão cometida por Jesus Cristo a todos os que Nele creem. E de muita oração! 🙏